

FREQUÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /ej/ EM DADOS DO VARSUL

WORD FREQUENCY AND THE MONOPHTHONGIZATION OF DIPHTHONG /Ej/ IN DATA OF VARSUL

Marisa Porto do Amaral¹

portodoamaralmarisa@gmail.com

RESUMO: Este artigo trata de efeitos de frequência de itens lexicais com o ditongo variável /ej/ no seu processo de monotongação, nos dados de Amaral (2005), com base nos postulados da Fonologia de Uso e na Teoria dos Exemplares. Nossa hipótese é de que as palavras com contextos favorecedores (tepe e fricativa alveopalatal) apresentam uma maior frequência de uso e, portanto, monotongam mais. A amostra pertence ao Banco de Dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e apresenta 33% de monotongação nos 1.055 contextos em um total de 3.169 dados de fala espontânea, referentes a 42 informantes de três cidades do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja. **PALAVRAS-CHAVE:** monotongação; frequência lexical; fonologia de uso; exemplares.

ABSTRACT: This article approaches the effects of frequency in lexical items with the variable diphthong /ej/ in the monophthongization process. It is extracted from the sample of Amaral (2005). This work is based on postulations on the Used-Based Model for Phonology and the Theory of Exemplars. Our hypothesis is that words with favorable contexts (tepe and alveopalatal fricative) present more frequency and use. Then, these words suffer more with the process of monophthongization. The sample belongs to the data base of VARSUL (Linguistic variation in the Southern Region of Brazil). And it presents 33% of monophthongization in 1,055 contexts in a total of 3,169 data from spontaneous speech, referring to 42 informants from three cities of Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi and São Borja.

KEYWORDS: Monophthongization; Lexical Frequency; Used-Based Model for Phonology; Exemplars.

INTRODUÇÃO

O ditongo /ej/ surgiu no português como um dos novos ditongos. Segundo Quednau (2005), foi o único que não tinha aparecido anteriormente, além de ser formado por processos peculiares ao português: por síncope (*lege>lei*), por vocalização

¹ Doutora em Letras; Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

(*conceptu>conceito*), por metátese (*pimariu>primeiro*), por epêntese (*área (<arena>areia*). Dependendo dos contextos circundantes, o ditongo /ej/ pode sofrer variação, ou seja, monotongação, com o apagamento do glide (*bejra>bera*).

Para Bisol (1989, 1994), existem dois tipos de ditongo no português: o fonológico e o fonético ou o verdadeiro e o falso ditongo. O primeiro é lexical (estrutura na subjacência) e tende a ser preservado, como em *peito*; o segundo é pós-lexical (estrutura na superfície) e tende a ser perdido, como em *feira>fera*. Este último é monotongado e, portanto, o objeto de nossa investigação. Como vemos, existem contextos estruturais bloqueadores quanto contextos estruturais favorecedores para a aplicação da regra.

Pesquisas sociolinguísticas, em todas as regiões do país, mostram aspectos que se repetem ou que divergem na identificação do fenômeno: Meneghini (1983), Cabreira (1996), Amaral (2005) e Toledo (2011), no Rio Grande do Sul; Paiva (1996), no Rio de Janeiro; Silva (1997) na Paraíba; Araújo (1999), no Maranhão. Com relação às variáveis linguísticas, é consenso que o condicionamento fonético (fricativa alveopalatal e tepe) que segue o glide é o gatilho da regra. Quanto às variáveis sociais, em alguns estudos, a escolaridade alterna com a faixa etária como fatores significativos. Mas a monotongação não é um fenômeno estigmatizado nem marcador de classe social, conforme a citação de Gonçalves (1997: 172).

Em termos não estruturais, pode-se afirmar que a redução do glide nesses ditongos não atua nem como marcador de classe social, nem de idade, nem de sexo, ou seja, falante de classe social alta ou baixa, adultos e jovens, homens e mulheres reduzem o ditongo quase categoricamente.

Neste estudo, trataremos de efeitos de frequência (types e tokens) de itens lexicais com o ditongo variável /ej/ no seu processo de monotongação, com base nos postulados da Fonologia de Uso (ByBee, 2001, 2002) e da Teoria dos Exemplos (Pierrehumbert, 2001). Nossa hipótese é de que as palavras com contextos favorecedores (tepe e fricativa alveopalatal) apresentam uma maior frequência de uso e, portanto, monotongam mais.

O corpus desta pesquisa pertence ao Banco de Dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), e foi analisado por Amaral (2005), apresentando 1.055 contextos em um total de 3.169 dados de fala espontânea, referentes a 42 informantes de três cidades do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

A seguir, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam nosso estudo. Na seção seguinte, analisamos o fenômeno da monotongação em relação aos efeitos de frequência e, por último, vem a conclusão.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Efeitos de frequência em fenômenos linguísticos não são algo novo. Schuchardt (1885 apud Huback 2013) já percebia que palavras de diferentes faixas de frequência poderiam ser afetadas de forma distinta pela mudança linguística.

Para Phillips (1984), as mudanças fisiologicamente motivadas atingem as palavras mais frequentes primeiro (fenômenos de redução, apagamento, assimilação, isto é, mudanças baseadas na fisiologia dos gestos articulatórios) enquanto as mudanças não-fisiologicamente motivadas afetam as palavras menos frequentes primeiro, como casos de analogia, em que formas não-frequentes seguem o paradigma das frequentes.

Outros estudiosos como Pagliuca e Mowrey (1987 apud Huback, 2013) e Browman e Goldstein (1992) apresentam evidências de que palavras muito usadas são mais propensas a variações que implicam a redução de segmentos.

No modelo da Fonologia de Uso que visa a abarcar todos os subsistemas (fonologia, sintaxe, semântica) em uma teoria da linguagem, ao estudar o fenômeno da linguagem, o foco nas estruturas precisa ser suplementado com dois aspectos importantes: o conteúdo material ou a substância da língua, e o uso da língua. (Bybee, 2001). O primeiro se refere à fonética e à semântica (forma e sentido); o segundo inclui todo o processamento e as interações sociais. Assim, a representação de uma palavra pode mudar conforme a frequência em que ela é usada em diferentes contextos.

A forma como os falantes categorizam e armazenam as diferentes palavras no léxico leva em conta o detalhamento fonético, permitindo, assim, que os itens sejam comparados, categorizados e estocados.

No modelo de léxico mental apresentado por Bybee, as palavras estão organizadas de forma adequada e são agrupadas de acordo com identidade ou similaridade fonológica ou semântica, formando esquemas de interconexões a partir de traços compartilhados. Itens como morfema, sílaba, segmento serão mais ou menos prototípicos dentro do esquema de acordo com sua frequência de ocorrência.

Para isso, a autora propõe duas categorias de frequência: a frequência de ocorrência e a frequência de tipo. A **frequência de ocorrência** (*token frequency*) indica quantas vezes uma determinada palavra ocorre em um indivíduo ou em um corpus linguístico. A **frequência de tipo** (*type frequency*) indica a quantidade de itens da língua que contêm uma determinada estrutura ou padrão, como um afixo ou desinência, por exemplo. Se determinada estrutura apresentar uma frequência alta fortifica seu esquema representacional e será usada em novos itens.

Bybee (2002) também leva em conta dois tipos de contextos: os uniformes e os alternativos. Os contextos uniformes são aqueles que estão presentes em cada palavra e possuem contextos propensos à mudança. Morfemas que possuem esse ambiente interno favorecedor e forem muito frequentes podem mais rapidamente chegar à mudança.

The effect of exemplars of bound morphemes upon one another can also be seen in uniform environments, specifically in ones that always uniformly present the context for change. High-frequency morphemes that contain within them the context for the change can undergo the change more rapidly. (p. 284)

Em se tratando da variação, esse contexto uniforme do morfema pode acarretar uma maior quantidade de ocorrências do fenômeno ao qual o morfema está sujeito.

Os contextos alternativos podem estar dentro da palavra ou serem externos a ela, como os que ficam no limite inicial da palavra seguinte. Estes podem afetar um afixo em uma palavra e não afetar em outra.

Nesta análise sobre a monotongação só consideraremos os contextos uniformes, ou seja, os internos à palavra, pois não serão tratados casos de juntura externa do ditongo (falei **a**quilo).

Juntamente com a Fonologia de Uso, a proposta da Teoria de Exemplares (Pierrehumbert, 2001) vai fornecer todo um aparato para lidar com a difusão lexical, com a variação, com o detalhe fonético.

In an exemplar model, each category is represented in memory by a large cloud of remembered tokens of that category. These memories are organized in a cognitive map, so that memories of highly similar instances are close to each other and memories of dissimilar instances are far apart. The remembered tokens display the range of variation that is exhibited in the physical manifestation. (Pierrehumbert, 2001: 140)

Seguindo os postulados da Fonologia de Uso, Haupt (2011), ao estudar o fenômeno da monotongação, parte das hipóteses de que o uso afeta as representações

mentais e que a monotongação está sujeita aos efeitos de processamento e de armazenamento, sendo, portanto, a palavra o lócus de análise e não os fatores isolados. Dessa forma, a frequência com que uma palavra é usada pode ter impacto na sua estrutura fonológica, isto é, a experiência afeta a representação, de maneira que a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos. Assim, “o uso repetido de um monotongo em detrimento do ditongo acarretará mudança na representação mental das palavras em que ocorre.” (p. 173).

Na próxima seção, com o respaldo dos estudos já realizados, ao analisar nossos dados, consideramos que existe motivação fonética na redução do ditongo /ej/ quando seguido de tepe e de fricativa alveopalatal. Ao atentarmos para o detalhe fonético, procuraremos estabelecer as redes de similaridade fonética e semântica entre as palavras com ditongos e fazer alguma generalização a respeito, tendo em vista a frequência lexical.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Primeiramente vejamos a frequência de monotongação das duas amostras do VARSUL que mostram dados de três cidades do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja (Amaral, 2005) e da capital do mesmo estado, Porto Alegre (Toledo, 2011). Embora o número de informantes seja bem menor em Toledo, a porcentagem de frequência está próxima.

Amostra	Ocorrências	Monotongação	Frequência	Informantes
AMARAL (2005)	3169	1055	33%	42
TOLEDO (2011)	1791	667	37%	14

Fonte: Amaral (2005) e Toledo (2011)
Quadro 1 – Comparação de dados das amostras

Nestes resultados estão incluídas todas as palavras de cada amostra: verbos e não-verbos, ou seja, uma maior quantidade de itens lexicais com contextos favorecedores e desfavorecedores à monotongação do ditongo que é relativamente baixa nas duas amostras.

No Gráfico 1, observamos o processo nos dados de Amaral.

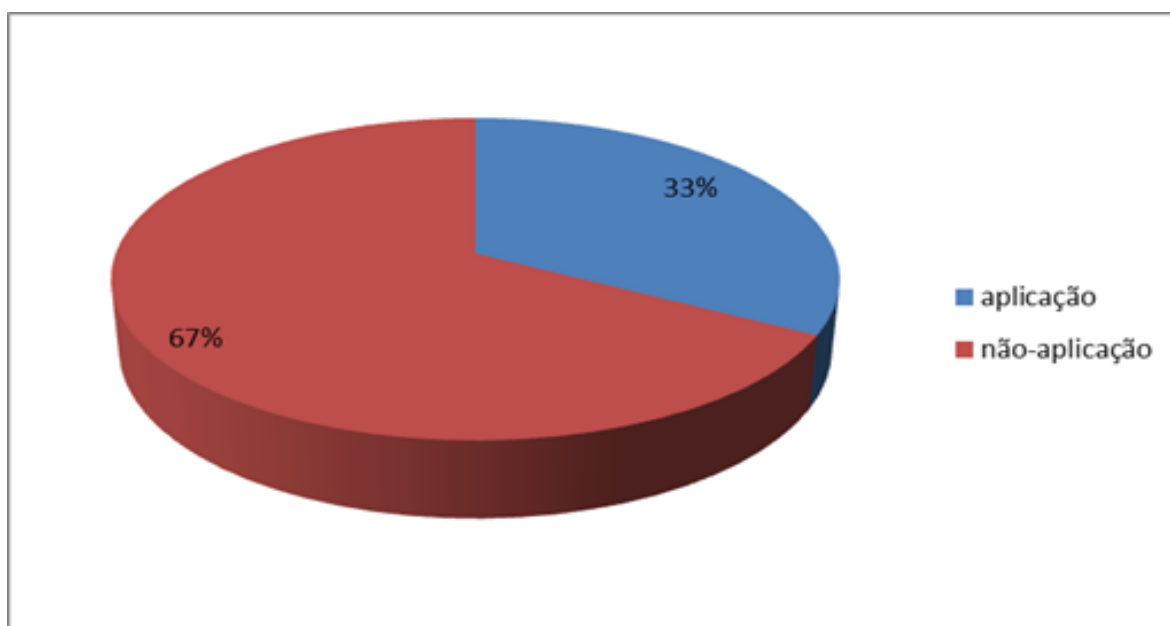


Gráfico 1 – Frequência da monotongação de [ej] - dados de Amaral (2005)

Em Amaral (2005), fomos consultar a variável classe de palavra que só foi selecionada na terceira rodada, depois de ter amalgamados os fatores *nome* e *outra classe* (*pronome, numeral, etc.*), sendo então considerada significativa pelo Programa Varbrul, como mostra a Tabela a seguir:

Fator	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Não-verbo	924/1141	81%	0,65
Verbo	131/2028	6%	0,41
Total	1055/3169	33%	

Tabela 1 – Efeito da classe de palavra

Input 0,90

Fonte: Amaral (2005)

significância = 0,001

Na tabela acima, pode-se constatar que a maioria dos itens lexicais são verbos (2028) e em apenas 131 há apagamento. Isto equivale a 6% da frequência de aplicação, com um peso relativo de 0,41, porque em posição final de 1827 ocorrências, o ditongo apresenta-se categórico (*sei, morei, trabalhei*), ou seja, na maioria dos verbos. A variação ocorre em palavras como *deixei* [de'fej], *queira* ['kera], *treinado* [tre'nado] em posição não-final. A classe em que mais acontece a redução do ditongo é a dos não-verbos, representada pelo *nome* (queijo, estrangeiro) e *outros* (primeira). Neste fator,

dos 1141 itens lexicais, 924 sofrem apagamento, equivalendo a 81% das ocorrências e um peso de 0,65).



Gráfico 2 – Frequência de monotongação da variável não-verbo

Neste gráfico, percebe-se que a monotongação do ditongo /ej/ nos nomes é muito alta (81%), tendo em vista a baixa preservação (19%) em itens lexicais com contextos bloqueadores do glide. Por exemplo, quando for em um monossílabo (*seis, leis*) ou quando o contexto seguinte for uma coronal alveolar: /t/ em *direito, jeito, leite, peitos, perfeito, prefeito, proveito, receita* ou /s/ em eleição, não monotongam; mas sim antes de /n/ em *treinamento*, e antes da dorsal velar /g/ em *manteiga*.

As duas análises, Amaral (2005) e Toledo (2011), utilizaram os pacotes estatísticos VARBRUL e GOLDVARB, respectivamente, e convergem no resultado de três variáveis: contexto fonológico seguinte (tepe); classe de palavra (não-verbo) e posição do ditongo (radical)².

Variável	Amaral (2005)	Toledo (2011)
Contexto fonol. Seguinte	Tepe (816/840)	Tepe (572/594)
Classe de palavra	Não-verbo (924/1141)	Não-verbo (627/652)
Posição do ditongo	Radical (771/984)	Radical (350/389)

Quadro 2 – Convergência de variáveis linguísticas nos dois corpora

Para este estudo, tabulamos os vinte dados mais frequentes do *corpus* e o número de monotongações, os quais estão dispostos na Tabela 2.

² Embora essa variável não tenha sido escolhida pelo Programa, ela mostra que a monotongação é mais frequente na base (ou radical).

Usou-se o critério *porcentagem* para definir se o item lexical era frequente ou não no corpus. Para a frequência alta – palavras com até 1% de ocorrência do total das palavras com ditongo (mais de 31 ocorrências); para a frequência moderada – palavras entre 1% e 0,1% do total (entre 4 e 30 ocorrências); para a frequência baixa – palavras com menos de 0,1 do total (menos de 4 ocorrências).

Item lexical	Total de ocorrências	Total de apagamentos	Freq.
1.primeiro(s)	120	115	A
2.dinheiro	97	97	A
3.brasileiros(s)	47	47	A
4.primeira(s)	42	41	A
5.deixa	36	31	A
6.feira	30	30	M
7.maneira	30	29	M
8.queijo	27	23	M
9.feijão	24	24	M
10.deixar	23	22	M
11.deixou	23	15	M
12.peixe	21	19	M
13.fazendeiro(s)	18	16	M
14.frenteira(s)	17	16	M
15.solteiro	17	15	M
16.janeiro	16	16	M
17.brincadeira(s)	14	14	M
18.madeira	11	11	M
19.estrangeiro	11	11	M
20.inteira	10	10	M

Tabela 2 - Itens lexicais mais frequentes e o número de monotongações

Percebe-se, na Tabela 2, que as cinco primeiras palavras em destaque de classe gramatical diferente (numeral, nome e verbo) são de frequência alta, e as demais, de frequência moderada. Destas vinte palavras, catorze têm o ditongo /ej/ diante do tepe

e seis palavras diante da fricativa palato-alveolar, tendo o **padrão –eiro(a)** como o mais produtivo, seja na base: *primeira*, *dinheiro*, como no sufixo: *brasileiros*, *fazendeiro*.

Toledo (2011) também apresenta as palavras *maneira* (15 ocorrências e 15 apagamentos) e *brasileiro* (12 ocorrências e 12 apagamentos) com frequência alta, em sua análise.

No quadro abaixo, computamos o número de repetições do padrão –eiro(a) em nossos dados.

Tipo (type)	na base (janeiro / feira)	no sufixo (brasileiro / geladeira)
-eiro	237	210
-eira	189	132
Total: 768	426 = 56%	342 = 44%
Total geral: 768/1141 = 67%		

Quadro 3 – Número de repetições do padrão –eiro(a)

Como vemos acima, este padrão ocorre em 67% dos 1141 não-verbos da amostra, mostrando sua força e produtividade.

2.1 AS REDES ASSOCIATIVAS E A MONOTONGAÇÃO

Salienta-se a importância do modelo de redes para a análise da monotongação, uma vez que o apagamento aqui se justifica em função da frequência tipo. Segundo Cristóvão Silva e Gomes (2017: 158), “A abordagem da TE é mais abrangente do que a abordagem gerativa ao aliar percepção e produção à organização gramatical, ao oferecer instrumentos para avaliar a variação linguística (...)”. A organização lexical vai depender da densidade dos exemplares: os mais frequentes vão estar representados por mais ocorrências.

O *type –eiro* é muito frequente e produtivo na língua. Talvez por essa razão forme redes associativas semânticas e fonológicas com outros itens que apresentam o

mesmo padrão, possibilitando que todas as palavras dessa categoria sejam sujeitas ao apagamento do glide.

Exemplos de rede:

a) fronteira

fronteiriço

b) funileiro

engenheiro

cantineiro

marinheiro

jardineiro

cabeleireiro

Em a) a rede é construída com elementos estruturais (sufixos) e forma conexões com a base. Em b) a rede constitui-se de exemplares cujas associações semânticas se referem a profissões, formando conexões com o sufixo.

Comparando com o estudo de Haupt (2011: 188), percebe-se os mesmos contextos uniformes propícios, cujas três primeiras palavras também aparecem, em nossos dados, com frequência alta.

Palavra	HAUPT (2011)		AMARAL (2005)	
	Ocorrência	Apagamento	Ocorrência	Apagamento
Deixar (e flexões)	222	220	131	111
Dinheiro	174	174	97	97
Primeiro/a/s	144	144	160	155

Quadro 4 – Comparação de frequência das três primeiras palavras nos dois corpora

Quanto às formas verbais, com exceção de ‘deixar’ e flexões, resolvemos não incluí-las na análise porque não apresentam apagamento, como as irregulares de alta frequência *sei*, *fiquei* (respectivamente, 629 e 111 ocorrências, no VARSUL; 23835 e 9456 ocorrências, no corpus de referência) e outras regulares como *trabalhei*, *casei*. Todas têm o ditongo na sílaba tônica final e não são propícias à monotongação. Com isso, podemos tecer uma generalização: quando o ditongo cai na sílaba tônica final de um verbo, não monotonga.

2.2 O VERBO DEIXAR

Em verbos como *deixar* e suas flexões (*deixo, deixando, deixava, deixei* e outras), em que o ditongo está no radical, a monotongação pode acontecer tanto na sílaba tônica [**de**fʊ] quanto na átona [**de**'ʃamos], constatado na nuvem de 111 exemplares:

Dexa (31)
Dexo (2)
Dexam (5)
Dexar (22)
Dexando (2)
Dexava (12)
Dexaram (3)
Dexei (10)
Dexou (15)
Dexamos (3)
Dexarei (2)
Dexaria (1)
Dexado (2)
Desdexado (1)

Figura 1 – Nuvem de exemplares do verbo *deixar* que sofrem monotongação nos dados.

No corpus também observamos ocorrências de *queixar* (*queixo* e *queixando*) e *de querer* (*queira*), todas com monotongação.

A seguir, apresentamos a Tabela 3 contendo palavras com baixa frequência, ou seja, que aparecem até três vezes na amostra e são sempre monotongados.

Item lexical	Ocorrência	Item lexical	Ocorrência
Assadera	1	Aventurero	1
Bagagero	2	Bejo	1
Banderantes	1	Bebedera	1
Cachoera	1	Carreras	2
Cantinerio	1	Chiquero	1
Enfilerados	1	Enfermera	2
Faxinera	2	Fejoada	1
Funilero	2	Financeras	3
Granjeros	1	Herderos	1
Interinha	1	Jardinero	1
Lavadera	1	Lavorero	1
Marinhero	2	Montoera	1
Movis	3	Novelera	1
Obrero	2	Padroera	2
Parreras	3	Penera	2
Pexadinha	1	Partera	1
Roterios	3	Ribera	1
Taquareras	2	Trenado	1
Trilhadera	1	Vanera	1
Verdaderas	3	Videra	1

Tabela 3 – Itens lexicais de baixa frequência

É interessante o comportamento de alguns itens lexicais que contêm o ditongo /ej/ na sílaba átona final como *móveis* que monotonga sempre: *móvis* [‘mɔvis] e *vôlei* que nunca reduz o ditongo. Mas o item *voleibol* aparece duas vezes monotongado: *volibol* (forma variável dicionarizada)

2.3 ÍTENS MENOS FREQUENTES

Na amostra, deparamo-nos com palavras às vezes desconhecidas ou criadas pelos informantes, as quais se referem a atividades, instrumentos de trabalho, danças, como vemos na tabela 3, acima. Essas palavras seguem um protótipo de afixo já

armazenado no léxico mental do indivíduo, de acordo com Bybee (2003 apud Haupt 2011).

Barbera	Granjera	Ribera
Camperas	Parreral	Taquareras
Cantinerero	Pesquero	Tavadera
Carreras	Pexadinha	Trilhadera
Gibera	Ranchero	Vanera

Quadro 5 – Algumas palavras monotongadas e usuais na região investigada

Destacamos, no Quadro 5, algumas palavras comumente utilizadas na região em que as cidades de Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteira com o Uruguai) estão inseridas.

Observando a frequência de algumas palavras em nossos dados que não apresentam o type -eiro, selecionamos outros tipos, como mostra o quadro abaixo:

Type – inho	Type – inha	Type – al	Type – ona
Dinherinho	Interinha	Parreral	Facerona
Direitinho	Pexadinha		
Interinho			

Quadro 6 – Monotongação diante de outros padrões

Dos exemplos acima, o único item que não monotonga é *direitinho*, cujo contexto seguinte, a coronal alveolar /t/ desfavorece o processo. Das demais, *dinherinho* é a que se apresenta também com o ditongo.

Uma vez que nossa hipótese relaciona-se com efeitos de frequência, procuramos consultar um corpus de referência.

3.1 COMPARAÇÃO COM O CORPUS DE REFERÊNCIA ASPA

Para saber se as palavras mais frequentes em nossos dados também aparecem em outros *corpora*, consultamos o ASPA³ – Avaliação Sonora do Português Atual –

³ O Projeto ASPA, segundo Cristóvão Silva (2011) é um empreendimento conjunto entre pesquisadores que atuam em diferentes áreas e que precisam ter um conhecimento sólido da organização sonora do

que tem **752970** frequências de ocorrência total e **1640** frequências tipo do ditongo /ej/.

Palavra	VARSQL		ASPA
	Ocorrência	Apagamento	Ocorrência
Primeiro(s)	120	115	168229
Dinheiro	97	97	94352
Brasileiro(s)	46	46	195477
Primeira(s)	42	41	136785
Feira	30	30	119982
Maneira	30	29	32594
Queijo	24	23	3129
Feijão	24	24	5715
Peixe	21	19	5045
Fazendeiro(s)	18	16	3325 (-s)
Fronteira (s)	17	16	13478
Solteiro	17	16	1298
Janeiro	16	16	90576
Estrangeiro	11	11	10172
Inteira	10	10	9875

Tabela 4 - Comparação de formas não-verbais nas amostras do VARSQL e do ASPA

As quatro primeiras palavras de frequência mais alta da amostra do VARSQL também têm alta frequência no ASPA. As palavras que contêm o padrão -eiro, tanto no sufixo quanto na base, são frequentes no léxico do português, de acordo com o corpus de referência ASPA.

O verbo *deixar* e suas flexões, na amostra do VARSQL, com uma porcentagem de 85,8%, de apagamento, têm alta frequência de ocorrências (111/131); também apresenta uma frequência bastante alta no corpus de referência, como demonstra o quadro abaixo.

português contemporâneo. Informações sobre o ASPA são disponibilizadas em www.projetoaspa.org. A lista de palavras que foi utilizada pelo Projeto compõe-se por um total de 607.392 palavras diferentes. Destas, foram transcritas 199.864 e são consideradas o número de tipos para a transcrição. Tais tipos totalizaram 10.739.395 ocorrências. Acesso em 14/6/2017.

Palavra	VARSQL		ASPA	
	Ocorrência	Apagamento	Ranking	Ocorrência
Deixar (e flexões)	131	111	653	67693

Quadro 7 – Frequência de ocorrências do verbo *deixar* nos dois corpora

Em nossa amostra, percebe-se um alto índice de monotongação em palavras de alta frequência como *primeiro(s)* – 100 em 103 ocorrências *dinheiro* – 97 em 97 ocorrências; em palavras de frequência moderada como *peixe* – 19 em 21 ocorrências; *inteira* – 10 em 10 ocorrências; em palavras de baixa frequência como *verdadeiras* – 3 em 3 ocorrências; *faxineira* – 2 em 2 ocorrências, o que indica a aplicação do processo nos contextos favoráveis (tepe e fricativa alveopalatal) independentemente da frequência ser alta, moderada ou baixa.

Percebemos também que algumas palavras com o ditongo antes de vogal podem reduzi-lo ou não, como *meio* que apresentou duas ocorrências de *meo* e *meia* também com duas ocorrências de *mea*. No entanto, a palavra *ceia* manteve-se sempre com o ditongo.

Haupt (2011) chama a atenção para o modelo de produção de Pierrehumbert (2000), em que explica a tendência de diminuição dos alvos articulatórios, objetivando diminuir esforço e acelerar a comunicação.

Nesse modelo, cada amostra é produzida levemente enfraquecida se comparada com o exemplar da categoria que foi aleatoriamente selecionada como a meta da produção. Assim, a tendência sistemática de enfraquecimento causa a distribuição de exemplares para a mudança. Provavelmente é isso que acontece com os ditongos, para os quais encontramos o monotongo. A semivogal está enfraquecendo, reduzindo-se a uma zona de transição até ser apagada. (Haupt, 2011: 182)

Se levarmos em conta que as palavras mais frequentes são mais usadas, suas representações de exemplares vão enfraquecer mais rapidamente do que as palavras menos frequentes.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os efeitos de frequência utilizados nos modelos de uso, vemos que tanto em palavras de alta frequência (*primeira*), média frequência (*madeira*) ou de baixa frequência (*tropeiro*), a monotongação pode ser aplicada nos itens lexicais que apresentam o ditongo /ej/.

Esse processo variável tem seu condicionamento fonológico predominante representado pelo contexto seguinte (tepe e fricativa alveopalatal) pelo condicionamento morfológico da posição do ditongo (base ou sufixo) e pela classe de palavra (verbos e não-verbos).

Em relação à nossa hipótese, as palavras que mais monotongam em nossos dados são de alta frequência aqui e no corpus de referência.

O que acontece no fenômeno da monotongação do ditongo /ej/ corrobora com os postulados das teorias com base no uso, em relação à frequência de ocorrência. De acordo com Phillips (1984), as mudanças fisiologicamente motivadas (fenômenos de redução, apagamento, assimilação), baseadas na fisiologia dos gestos articulatórios, atingem primeiro as palavras mais frequentes, e as formas não-frequentes seguem o paradigma das frequentes.

Quanto à frequência-tipo, o principal padrão é o sufixo –eiro (a) em itens não-verbais que apresentam a maior frequência de uso. Houve, também, monotongação em itens com baixa frequência de ocorrência, o que nos leva a concordar com Haupt sobre ser o fenômeno condicionado pela frequência-tipo, uma vez que naquelas estruturas os ditongos são pouco frequentes na língua, prevalecendo o padrão mais recorrente, ou seja, o monotongo.

Desse modo, os efeitos de frequência em caso de variação sonora foneticamente motivada como a monotongação do ditongo /ey/ permitem-nos utilizar outros complementos na análise da regra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, vol. 40, n. 3, p. 101-116, set. 2005.

ARAÚJO, M.F.R. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ej] no dialeto de Caxias (MA). In: *Revista Letras: PUC – Campinas, Campinas* 19 (1/2) p. 121-37, dez.2000.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, V. 5, n.2, p. 185-224, 1989.

_____. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n.2, p. 123-134, 1994.

BROWMAN, Catherine ; GOLDSTEIN, Louis. Articulatory Phonology: An Overview. *Haskins Laboratories Status Report on Speech Research*.1992, SR – 111/112, 23-42.

BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge. Cambridge University Press, 2001.

_____. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language, Variation and Change*, 14 (2002) 261-290 Cambridge University Press.

CABREIRA, S. A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. Fonologia: contribuições para a linguística e para a computação. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (1): p. 33-46, jan-abr 2011.

_____; GOMES, Chistina Abreu. Teoria de exemplares. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia (org. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 157-168.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Ditongos decrescentes: variação e ensino. *Revista Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, ano 6, n. 5, v. 1, p. 159-192, jan./jun. 1997.

HAUPT, Carine. Contribuições da fonologia de uso e da teoria dos exemplares para o estudo da monotongação. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.19, n. 1, p. 167-189, jan./jun. 2011.

HUBACK, Ana Paula. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. *Revista D.E.L.T.A*, 29: 1, 2013, p. 79-94.

MENEGHINI, F. M. O fenômeno da monotongação em Ibiacá. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

PAIVA, M. C. A. A Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SHERRE, M. M. P. et al. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 218-36.

PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: J. Bybee; P. Hopper (eds.). *Frequency and the emergency of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins. p. 137-157, 2001.

PHILLIPS, Betty. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*. V. 60, n.2, p. 320-342, jun. 1984.

QUEDNAU, Laura R. Os ditongos do latim ao português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n.3, p. 89-99, set. 2005.

SILVA, F. de S. O processo de monotongação em João Pessoa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 1997.

TOLEDO, Eduardo E. *A monotongação do ditongo decrescente /ej/ em amostra de recontato de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

TORRENT, Tiago T. Usage-based models in linguistics: an interview with Joan Bybee. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Vol. 8, número 1, junho de 2012. p.1-6.